

Os planos de puxar: problematizando a ideia da “ausência de planejamento” na feitura cotidiana das cidades a partir do processo de construção de Puxadinhos¹

Luiz Henrique Prado Campos (IESP-UERJ/RJ)²

Resumo

Este texto é fruto de uma tese em andamento e tem como proposta discutir processos de construção de *puxadinhos* em um conjunto habitacional. Aqui minha intenção é argumentar sobre a potência dos puxadinhos para pensar processos de produção da cidade a partir das transformações da casa, do cotidiano da vida doméstica e da vida coletiva. A partir de trabalho de campo etnográfico nos prédios do Conjunto Habitacional Maria Antonieta Mello Azevedo - popularmente conhecido como Conjunto Palmital -, localizado no município de Santa Luzia, Região Metropolitana de Belo Horizonte, o objetivo desta apresentação é a reflexão e desconstrução sobre a representação da ideia da “ausência de planejamento” nos processos de fazer cidade pelas camadas mais pobres, ideia essa historicamente presente nos estudos urbanos. Por meio da ênfase em trajetórias de arranjos familiares, reveladores de planos e projetos de vida que vinculam casa e trabalho na transformação do espaço urbano e suas dinâmicas, argumento que a construção de puxadinhos envolve cálculos e negociações cotidianas sofisticadas, revelando-os como parte dos planos de vida que fazem a cidade na relação entre a gestão da vida doméstica e a vida coletiva em conjuntos habitacionais. Configura-se assim uma paisagem urbana de convivência entre os planos da política habitacional e a vida social dessa política transformada pela autoconstrução, em um conjunto habitacional projetado e construído na transição dos anos 1970-80 pela COHAB-MG no seio das políticas de remoção de favelas de BH e da política habitacional do BNH.

Palavras-chave: Puxadinhos; Ausência de planejamento; Conjunto habitacional.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Introdução

O ano era 1983, quando Téo era apenas uma criança de dois anos de idade e chegou com seus pais para viver no Conjunto Palmital. A vida de Téo e sua família seria outra sem as enchentes do ribeirão Arrudas em Belo Horizonte, assim como a de várias famílias removidas de favelas às margens desse curso d'água na região leste da capital mineira. Nesse tempo de perdas, desespero e incertezas, a única certeza era de não mais permanecer próximo ao centro da capital, agora recomeçando a vida em um conjunto habitacional em um município da região metropolitana.

Foi no Conjunto Palmital que Téo se criou junto de seus irmãos, e é onde vive, trabalha e cria seus filhos. Seus pais faleceram também ali, já seus irmãos se mudaram para Belo Horizonte, não mais próximo ao centro da capital, mas em bairros conurbados a municípios vizinhos.

Hoje, passados mais de quarenta anos, a paisagem do conjunto habitacional se transformou com a urbanização, mas, sobretudo, com as alterações das edificações, tanto das casas quanto dos prédios. Neste texto, apresento parte dessas mudanças a partir da análise do processo de construção de *puxadinhos* nos prédios do Conjunto Palmital.

A partir do projeto de vida de Téo e a montagem de sua barbearia, discuto a produção da cidade na intersecção entre os projetos de vida dos arranjos familiares e a construção da vida coletiva. Tendo como objetivo refletir brevemente sobre a representação cristalizada sobre a “ausência de planejamento” na produção do espaço urbano pelas camadas mais pobres da cidade, argumento evidenciando apontamentos sobre a vida social da política habitacional transformada pela autoprodução do espaço, onde a configuração da paisagem citadina se dá em um processo de feitura cotidiana da cidade envolvendo cálculos e negociações complexas no seio de projetos em relação, contrariando a ideia de um espaço produzido de modo desordenado.

O texto está organizado em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte discuto sobre a autoprodução da cidade revisitando parte da literatura clássica sobre autoconstrução que ainda orienta boa parte dos estudos urbanos, sobretudo, em relação à produção do espaço urbano em regiões periféricas. Aqui discuto sobre a limitação de se pensar a autoconstrução tomando a

casa como vinculada basicamente à moradia, uma necessidade básica, analisada tomando como ponto central as condições de vida da população. Argumento em favor dos puxadinhos como objeto de análise potente para se pensar a feitura cotidiana das cidades em processos complexos.

Posteriormente, apresento o processo de construção do puxadinho de Téo e a montagem de sua barbearia e discuto uma ampliação da percepção sobre a ideia de planejamento na produção desses espaços, que passa desde a criação de vínculos com os prédios, as negociações sobre o direito de construir e as espacialidades do conjunto. Por fim, argumento que a produção do espaço por meio de puxadinhos envolve processos de negociação da realidade onde a espaço-temporalidade das construções conjugam projetos familiares e da coletividade em um quadro de ação orientado pela espacialidade dos prédios e a produção da vida coletiva.

1 - Problematizando a ideia da “ausência de planejamento”

Fruto da política habitacional do Banco Nacional de Habitação (BNH), o Conjunto Habitacional Maria Antonieta Mello de Azevedo - popularmente conhecido como Conjunto Palmital - teve sua construção e inauguração no início dos anos 1980, já nos períodos finais do regime militar. Construído pela Companhia de Habitação de Minas Gerais - COHAB-MG juntamente com o Conjunto Cristina³, no município de Santa Luzia, Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH, o Conjunto Palmital antes previsto para receber funcionários da prefeitura de Belo Horizonte no seio da política de expansão urbana rumo ao vetor norte metropolitano, em sua grande maioria recebeu moradores removidos de favelas e regiões às margens do Ribeirão Arrudas, principalmente na região do bairro Santa Efigênia, nas favelas do Perrella, Santa Tereza, União, Belém, São Rafael e Caetano Furquim.

No contexto das enchentes do Arrudas no início dos anos 1980 boa parte dos moradores dessa região ficou desabrigada com os danos causados pelas chuvas, o que de certa maneira contribuiu para dar seguimento à política de remoção de favelas já em

³ O Conjunto Cristina, dividido em Cristina A, B e C foi construído junto ao Conjunto Palmital e juntos à época chegaram a ser considerado o maior conjunto habitacional da América Latina.

andamento na capital mineira, levada à cabo principalmente pela Coordenação de Habitação de Interesse Social (CHISBEL).

De acordo com dados apresentados por Silva (2011) o projeto da COHAB-MG de 1984 previa a construção de 4.289 unidades habitacionais, com previsão de abrigar uma população de aproximadamente 21.850 pessoas. Entre essas unidades habitacionais foram planejados prédios de três andares, sendo quatro apartamentos por andar, cada um com dois quartos, o que totalizaria 852 unidades. Além dos prédios, foram construídas 680 casas geminadas de um quarto, 1.802 casas geminadas de dois quartos e 140 casas de três quartos. Somadas às construções foram destinados 228 lotes para financiamento habitacional.

Depois de passados mais de quarenta anos da inauguração do Conjunto Palmital, as transformações socioespaciais do conjunto habitacional revelam a vida social dessa política habitacional. Entre elas o que chamo a atenção neste texto é o processo de produção da cidade no espaço coletivo dos prédios, os denominados puxadinhos.

Figura 1 – Puxadinhos no Conjunto Palmital



Fonte: Acervo do autor (2024).

Entendo e utilizo o termo *puxadinho* como uma categoria nativa, mas, sobretudo, como uma prática de produção do espaço onde a feitura da cidade se dá pela autoprodução⁴. Embora essa prática não seja exclusiva de uma parcela da população, o termo comumente é utilizado para designar formas construtivas que remetem à lógica do improviso, a uma ausência de planejamento, desenhando uma paisagem urbana que remete à desordem e a uma estética não ideal de cidade. Resguardadas marcantes diferenças, materiais e processuais, mesmo não sendo raro em regiões da cidade que abrigam populações mais abastadas, alguns processos construtivos também em prédios e condomínios não são denominados dessa maneira. Cobertura, área privativa, espaço gourmet, são alguns dos termos, enquanto o termo *puxadinho* como forma construtiva é relacionado diretamente às camadas mais pobres da população, vinculado às regiões periféricas e faveladas.

Também nos estudos urbanos comumente a autoconstrução é discutida como oposta ao planejamento. A casa, mesmo sendo presente no debate, seu processo de feitura em grande maioria é apresentado de modo secundário e/ou atrelado a fatores estruturais que constituem as condições de vida da população. Em termos amplos, a autoconstrução foi muito debatida - e ainda continua - como a alternativa para o problema da moradia das camadas pobres no seio do regime de acumulação capitalista reproduzido na produção das cidades. Dessa forma, a casa é percebida como produto, mercadoria, e discutida em termos de suas características materiais, e não enquanto processo.

Kowarick (1980) ao discutir sobre a “espoliação urbana” assim discute a autoconstrução, como uma “fórmula de subsistência”, fruto do processo de “dilapidação” das condições de vida da classe trabalhadora urbana. Maricato (1982) na mesma direção discute a autoconstrução como forma de rebaixamento de custos da reprodução da força de trabalho. Operando na dicotomia tradição-técnica seria o processo de produção do espaço urbano periférico onde hábitos tradicionais predominam nos processos construtivos caracterizando improvisos diversos, em oposição à técnica do planejamento urbano. A partir dessa oposição a produção da cidade pelo conhecimento popular é colocada como rudimentar e reprodutora de infraestruturas urbanas precarizadas.

⁴ O termo autoprodução é utilizado uma vez que a construção dos *puxadinhos* nem sempre possui o proprietário como um trabalhador de sua obra.

Essa leitura estrutural invisibiliza as práticas urbanas e limita a análise de processos por onde a cidade é produzida cotidianamente. E ao resumir os atores a uma massa homogênea - os trabalhadores urbanos - não se apreende camadas mais densas sobre a feitura da cidade, no que tange aos planos, cálculos, decisões, estratégias e negociações.

Rejeitando essa passividade dos atores é importante se atentar para as “estratégias de vida” (Leeds e Leeds, 1978) traçadas no cotidiano, o que nos permite pensar a construção de puxadinhos para além de um imediatismo e improvisado. Isso implica em outra apreensão do processo de produção da cidade a partir dos projetos de vida dos arranjos familiares em intersecção com a produção da vida coletiva dos prédios.

Ao analisar a produção da cidade partindo dos arranjos familiares e sua gestão da vida doméstica percebe-se a habitação como atividade prática não definida apenas em termos de seus atributos físicos, mas também em seu processo de valoração e de construção de significados (Turner, 1973).

A presença de puxadinhos que de modo superficial é vista como configurando uma paisagem não planejada da cidade passa a ser apreendida sob o ponto de vista dos processos cotidianos que viabilizam sua produção. Nesses processos se apreende o planejamento e os projetos em termos de articulação das escolhas e adequações, na organização do tempo das obras, no levantamento de recursos, nas negociações com a vizinhança sobre onde, quem e quando pode construir e as contrapartidas.

Para além de contrariar a ideia de ausência de planejamento amplia-se a percepção de planejamento para além da obra. Planejar a construção de um puxadinho não se reduz a um projeto ensimesmado, uma etapa anterior ao processo construtivo, mas consiste em um processo construído na relação entre os projetos de vida das famílias e os projetos da vida coletiva.

Nessa relação proponho pensar o planejamento e construção dos puxadinhos como parte da organização e negociação da realidade a partir da vivência e interpretação das experiências, como nos aponta Schutz (1979). De acordo com o repertório de experiências passadas relacionadas ao processo de construção em espaços coletivos de

cada prédio é que se constroem o planejamento das ações e a “viabilidade prática” da construção do puxadinho.

A construção da “viabilidade prática” (Schutz, 1979) considera situar a ação planejada no futuro como já efetivada, e, nesse sentido, é que são traçados os planos para que a construção do puxadinho se dê segundo os objetivos dos projetos da casa e da família, mas também de acordo com as possibilidades específicas acordadas com a coletividade. É o que demonstro a seguir.

2 - Construindo puxadinhos: a relação entre projetos de vida e a vida coletiva na produção do espaço

Foi caminhando pela avenida L⁵ que conheci Téo e sua barbearia. Uma das centralidades comerciais do Palmital, essa avenida abriga em um de seus lados parte dos prédios do conjunto e do outro as casas. Entre várias barbearias, encontram-se ali lojas de eletrônicos, centros de estética, salões de beleza, depósitos, oficinas, mercadinhos, armarinhos, bares e restaurantes. Foi ali, nos prédios da avenida L que Téo decidiu construir seu puxadinho, e mudar de vida montando seu negócio.

Em boa parte de sua vida Téo foi agente penitenciário, e foi na cadeia que decidiu se tornar barbeiro. Buscando sair daquele mundo foi lá que se propôs voluntário como forma de aperfeiçoar o conhecimento que estava buscando em cortar cabelo. Em 2010 finalmente Téo passou a viver exclusivamente dos cortes, saindo da rotina da cadeia e agora alugando espaços no conjunto para assim ganhar a vida. Naquele período, pagando dois aluguéis - do apartamento que morava com sua ex-esposa e seu filho, e de sua barbearia.

Foi só na pandemia da Covid-19, aproximadamente dez anos depois, que Téo mudou seu vínculo com o prédio em que morava de aluguel e iniciou seu projeto de barbearia em espaço próprio. Já separado de sua primeira esposa, Téo recebeu a notícia da proprietária do apartamento em que vivia, de que precisaria vender o imóvel. Téo, interessado em fortalecer seu negócio e sair do aluguel, propõe a compra, não do apartamento, mas da laje no espaço do prédio onde poderia construir sua barbearia. Construindo o puxadinho onde montaria sua barbearia, sairia de um aluguel, conseguiria

⁵ Todos os nomes de interlocutores e localidades neste texto são fictícios.

pagar a construção, investir no negócio e no ponto - mais bem avaliado por ele do que o próprio apartamento - e posteriormente, “firmando as pernas”, conseguiria ainda ter prioridade e comprar o apartamento em que vivia. Esse foi o plano executado por Téo⁶.

A construção da “viabilidade prática” (Schutz, 1979) para efetivação da construção de seu puxadinho se deu na relação entre o seu projeto de vida, o projeto de vida da proprietária do apartamento e das experiências construtivas do prédio e dos prédios da avenida L. Os prédios da avenida L foram construídos abaixo do nível da avenida. Naquela região as lojas ali construídas no espaço coletivo dos prédios situadas no nível da avenida, para sem construídas deveriam antes serem construídas lajes, onde na parte de baixo é muito comum a construção de garagens, quitinetes, e também outras lojas com entrada por dentro dos prédios.

Considerando a experiência construtiva dessa espacialidade do Palmital é que os planos de Téo e da proprietária se alinham e os vínculos com o prédio se transformam. Mesmo não sendo moradora, o fato de ser proprietária de apartamento a colocou em vantagem na comercialização da possibilidade construtiva do puxadinho via venda de sua laje. Se apropriando dos planos de seu inquilino realiza duas transações, a venda do espaço para construção do puxadinho e a posterior venda do apartamento. Só assim Téo constitui vínculo com o prédio, podendo se apropriar de parte do espaço coletivo para construção de sua barbearia. No entanto, essa forma de constituir vínculo com o prédio e construir sem ser proprietário de apartamento é prática comum na avenida L, mas não em todos os prédios do conjunto.

O processo de construção dos puxadinhos diz respeito sobre a relação moradia e trabalho, sobre o funcionamento do mercado imobiliário no Palmital, mas, sobretudo, sobre como acontece as negociações e acordos que possibilitam a transformação da configuração socioespacial do conjunto habitacional pela produção do espaço. Esse processo envolve uma complexa disputa sobre a disponibilidade de espaço de acordo com as especificidades de cada prédio e os acordos da coletividade.

A interdependência entre projetos pessoais, os projetos coletivos e os acordos da coletividade orientam a espaço-temporalidade das construções. O que do ponto de vista

⁶ Téo negocia a compra da laje e o direito de construir seu puxadinho pelo valor de vinte mil reais, sendo uma entrada no valor de sete mil reais e treze parcelas de mil reais. A transação foi formalizada em um contrato de compra e venda onde a posse foi transmitida a Téo após a quitação da última parcela.

visual pode parecer uma obra improvisada, inacabada por escassez de recursos, muitas vezes significa interrupções provocadas por quebras de acordos, que podem ser resolvidos no prédio ou na forma da lei.

Uma das infraestruturas centrais para a construção dos puxadinhos são as lajes. Como mencionado anteriormente, no caso da avenida L, são construções que tornam possíveis os puxadinhos construídos no nível da avenida. As negociações sobre a construção dessa infraestrutura definem o futuro da produção do espaço coletivo dos prédios. “Bater a laje” representa o primeiro passo na materialização do direito de construir o puxadinho e negociar os rumos dessa construção, o que será para baixo e para cima, se comercializa ou não o espaço.

Uma das negociações envolve a circulação de dinheiros entre quem vai arcar com os custos da laje. A laje, como elemento estrutural da obra, envolve valores mais elevados. Esses valores podem ser compartilhados entre vizinhos que querem construir puxadinhos, e então os acordos se voltam para quem ficará com a parte de cima ou de baixo. Também podem ser divididos entre proprietários e inquilinos que querem construir, ou seja, ambos negociam o valor da obra e o proprietário posteriormente vende a laje para o inquilino. Mas também é comum, no caso de vizinhos que não compartilharam o gasto na construção, a posterior venda do direito de construir na laje.

A laje em si nesse caso representa o direito de construir, mas não a propriedade sobre o espaço ainda não construído. No caso da avenida L e especificamente do prédio de Téo, o direito de construir passa pelo vínculo com o prédio - ser proprietário de apartamento ou comprar o direito do proprietário - o que em última instância significa que todos os que possuem vínculo podem ter alguma construção no espaço coletivo. Contudo, o espaço coletivo não suporta a construção de puxadinhos de todos os proprietários, muito menos no nível da avenida, o que implica em disputas onde a construção da laje não garante que outro vizinho possa requisitá-la como direito ao espaço coletivo. A prioridade na construção em sua maioria é de quem fez a laje, mas no caso da avenida L a desigualdade na posse de recursos pode mudar toda configuração socioespacial que se desenhava.

Foi o que aconteceu no caso da antiga proprietária ao vender o direito de construir para Téo. Sem ter contribuído na construção da laje, mas tendo o direito como proprietária ao espaço coletivo, a antiga moradora requisitou tal direito como uma

forma de obter recursos com a compra do direito por Téo. A falta de recursos da proprietária que construiu a laje - e já havia construído uma quitinete na parte de baixo - para iniciar rapidamente a construção de outro puxadinho na parte de cima, contribuiu para que a antiga moradora se valendo do direito de proprietária estabelecesse a transação com Téo, que em seguida construiria sua barbearia.

Hoje a barbearia de Téo já funciona em seu puxadinho, que ainda continua em obra, e Téo já possui novos planos para ampliá-lo. Em fase de acabamento, o planejamento de Téo inclui a pintura das paredes e rebaixamento de gesso, além da instalação de placa na entrada.

Para além das reformas no puxadinho que hoje é composto por uma sala de atendimento, uma copa pequena e um banheiro, Téo planeja construir uma ligação entre o apartamento que hoje é seu e seu puxadinho. A localização espacial dos apartamentos em relação aos puxadinhos é determinante para o planejamento da construção e ampliação de novos espaços na área coletiva. No caso de Téo, o fato de seu puxadinho se localizar no nível da avenida e o prédio abaixo do nível, o beneficia no sentido em que seu apartamento no segundo andar se localiza de frente para seu puxadinho. Entre eles existe um vão entre o prédio - uma passagem coletiva - e os puxadinhos ao lado direito. O planejamento de Téo é construir nesse espaço, conectando as paredes de seu apartamento aos fundos de sua barbearia, expandindo seu negócio. Com a construção, o espaço que hoje é aberto precisaria da construção de outra laje que cobriria a portaria do prédio.

Figura 2 – Os planos de puxar: ampliação da barbearia⁷



Fonte: Acervo do autor (2024).

O processo de puxar para além de produzir novos espaços abre possibilidades para que espaços antes não possíveis sejam viabilizados. Com a efetivação dos planos de Téo, o seu vizinho do apartamento do terceiro andar, que antes não tinha como construir um puxadinho na direção de seu apartamento, poderá negociar com Téo a construção na parte de cima de seu puxadinho até o nível da avenida. Essa negociação dependerá dos rumos do planejamento de Téo e dos acordos sobre a construção da laje que precisa ser feita para a ampliação do puxadinho de Téo. Em conversas com Téo, seus planos incluem a divisão dos custos da laje com este vizinho para que seja

⁷ O apartamento de Téo é o da janela do segundo andar ao lado esquerdo. Sua barbearia está localizada ao lado direito na parede sem reboco onde está instalado um aparelho de ar-condicionado. O planejamento de Téo é conectar o prédio ao puxadinho nesse espaço não construído, ampliando sua barbearia.

construída uma laje com reforço estrutural, já que ambos poderão se apropriar da infraestrutura. Em caso de não acordo, Téo irá construir uma laje que suporte apenas sua construção, deixando para o vizinho a construção posteriormente de um reforço estrutural em caso de uma construção futura.

Nesse caso, os planos de Téo revelam como a construção de puxadinhos a depender da espacialidade do conjunto, das negociações específicas de cada prédio e da posição dos apartamentos, altera a configuração de projetos em relação à possibilidade construtiva de cada proprietário do direito a construir. O vizinho do terceiro andar que antes tinha como possibilidade de puxar por cima de seu apartamento - e assim já tinha iniciado⁸ - agora, se efetivado os planos de Téo, terá a maior vantagem em potencial construtivo, uma vez que poderá puxar até o nível da avenida negociando e construindo por cima da barbearia de Téo, e no futuro ainda com o já iniciado puxadinho por cima do prédio, ampliá-lo por cima de seu próprio puxadinho que já estaria no nível da avenida.

Em outras palavras, significa dizer que planejar um puxadinho passa por um processo complexo de negociação da realidade a partir das experiências (Schutz, 1979) em relação à apropriação do espaço coletivo. Ao contrário da percepção sobre a produção de um espaço improvisado e produzido à revelia, o que se tem são cálculos, transações, conflitos, acordos, que configuram a paisagem do conjunto habitacional mostrando a vida social da política habitacional e sua convivência com a autoprodução.

Considerações finais

Recentemente causou espanto a entrega de unidades habitacionais de 15 m² pela prefeitura de Campinas (SP). Em reportagem intitulada “microcasas se expandem com puxadinhos em Campinas (SP)” a Folha de São Paulo apresenta relatos de moradores sobre as condições das casas e sua ampliação feita por parte dos moradores. Em outra reportagem em 2019 o portal de notícias SelesNafes narrou a construção de puxadinhos

⁸ O vizinho de Téo do apartamento do terceiro andar construiu um tipo de puxadinho onde foi removido o telhado do prédio e instalada uma “escada privativa” por fora do apartamento, dando acesso a um quarto andar. Essa prática é comum nos prédios da avenida L e em outras partes do conjunto, onde se constroem nesses espaços, novos cômodos, varandas, áreas de lazer, etc. São tipos de puxadinhos mais relacionados a uma continuidade da casa do que espaços destinados a ganhar a vida.

nos Conjuntos Habitacionais Macapaba I e II na região norte de Macapá⁹. No final de junho de 2024, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprovou por 35 votos a 7, um projeto de lei complementar que legaliza a construção de puxadinhos. Projeto que foi encaminhado para sanção ou não do prefeito Eduardo Paes (PSD).

Esses são alguns dos vários casos em que o debate público se volta a discutir sobre a transformação de políticas habitacionais pela autoprodução. Considerando a especificidade de cada caso, o que de modo geral conduz o debate é a discussão sobre a criação de um espaço urbano desordenado, contrário ao planejamento urbano.

Limitando a ideia de planejamento à ação de órgãos governamentais e ao conhecimento técnico muito se discute sobre o processo de favelização das cidades como se houvesse um “modo de vida favelado” que se transfere e entra em choque com a vida em condomínios resultando na produção desses espaços que parecem híbridos.

O que não se discute são os processos que tornam possíveis essas construções. Em outras palavras, essa superficialidade do debate não permite captar camadas mais densas sobre essa complexa feitura cotidiana das cidades.

É nesse sentido que etnografar processos de puxar partindo de trajetórias que acompanharam a transformação socioespacial do conjunto habitacional, como a de Téo, contribui para compreender não apenas o processo construtivo, mas como as pessoas vivem a política habitacional sendo protagonistas de seu rumo, como se constrói a vida coletiva, como nesses processos são entrelaçadas pela produção do espaço as relações entre a vida doméstica, trabalho e economia.

Referências

GRINDLEY, William C. Owner-Builders: Survivors with a Future. In: TURNER, John F. C.; FICHTER, Robert. Freedom to Build - Dweller control of the housing process. New York: The Macmillan Company, 1973.

KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.

⁹ Conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida.

LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. A sociologia do Brasil urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MARICATO, Ermínia. Autoconstrução, a arquitetura possível. In: MARICATO, Ermínia (Org.). A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e Relações Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SILVA, Gustavo Resgala. Formas de produção do espaço periférico metropolitano: um estudo sobre São Benedito na Região Metropolitana de Belo Horizonte. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

TURNER, John F. C. Housing as a Verb. In: TURNER, John F. C.; FICHTER, Robert. Freedom to Build - Dweller control of the housing process. New York: The Macmillan Company, 1973.